

UMA ANÁLISE DA MULHER SACRIFICADA EM TRÊS CONTOS DE EDNA O'BRIEN

Yls Rabelo Câmara²⁵
Yzy Maria Rabelo Câmara²⁶
Guilherme Linhares Neto²⁷

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a *mulher sacrificada* a “femme fragile” em três contos da escritora irlandesa Edna O’Brien, a saber: “A Scandalous Woman”, “The Sisters” e “Honeymoon” – coletados de seu livro *A Scandalous Woman and other Short Stories*, publicado em 1974. O’Brien é uma autora visceralmente feminista e o tema da *mulher sacrificada* é recorrente em sua obra - razão pela qual nos propomos a identificá-la e analisá-la nos três contos supracitados. Primeiramente, discorreremos brevemente sobre a figura da *mulher sacrificada* em sua obra; em seguida, passaremos à análise literária de cada um dos três contos em particular e remataremos ao fazermos uma comparação entre o que eles têm em comum.

Palavras-chave

Gênero, Mulher Sacrificada, Feminismo, Irlanda Rural

Abstract

This paper aims at analyzing the *sacrificed woman* in three short stories from the Irish writer Edna O’Brien, namely: “A Scandalous Woman”, “The Sisters” and “Honeymoon” – collected from her book *A Scandalous Woman and other Short Stories*, published in 1974. O’Brien is a visceral feminist author and the theme of the *sacrificed woman* is recurrent in her work - that is why we intend to identify and analyze her in the three short stories before mentioned. Firstly, we will broach briefly about the *sacrificed woman* in her work; then we will do the literary analysis of each of the three short stories in particular and we will finish with a comparison of the coincidences they present.

Keywords

Gender, Sacrificed Woman, Feminism, Rural Ireland

25 Doutoranda em Filologia Inglesa (Letras) na Universidade de Santiago de Compostela (USC).

26 Psicóloga e Mestra em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

27 Sociólogo e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

1. A figura da *Mulher Sacrificada* na Obra de O'Brien

A *mulher sacrificada*, a “femme fragile” a quem O'Brien se refere nos remete aos anos 70, década na qual o livro foi publicado. Trata-se de uma etapa única em nossa História recente onde, passados os primeiros momentos da revolução sexual, a mulher demandava uma releitura de seus papéis sociais e uma inserção cultural e laboral mais efetiva. Conforme Del Priore (2000), a partir da segunda metade do século 20, diversos fenômenos sociais e culturais foram ocorrendo no cenário global, afetando definitivamente o curso de nossas vidas. Entre estes eventos de relevância, podemos citar: o progressivo fim do tabu da virgindade, a legitimação do trabalho formal feminino, o divórcio e as novas configurações familiares (mães solteiras, pais ausentes, pais e ou/ mães homossexuais e a mulher como arrimo de família, dentre outras estruturas distintas da família nuclear composta tradicionalmente por pai, mãe e filhos).

Nascida em 1930 em Twamgraney, Irlanda, Edna O'Brien teve, desde sempre, uma relação muito difícil com sua mãe que, segundo ela, era castradora, controladora e incapaz de apoiá-la ou de esboçar-lhe carinho. Provavelmente aí subjazam as raízes desta associação que a autora faz entre a mulher e o sofrimento: porque era filha de uma mãe austera e de um pai indiferente. Segundo Winnicott (1994, 1997), a mãe, enquanto primeiro objeto de amor, tem uma função primordial na formação do processo de autonomia do sujeito. Para este mesmo autor, “Muita coisa acontece no primeiro ano de vida da criança: o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio. [...] é muitas vezes possível detectar e diagnosticar distúrbios emocionais ainda na infância, até mesmo durante o primeiro ano de vida” (WINNICOTT, 1997, p.4).

Spitz (1979) ressalta a importância da relação mãe-filho ser estruturada no afeto e no cuidado em prover; que a mãe seja, na fase mais vulnerável da vida do bebê, a supridora de todas as suas demandas para que este, percebendo-se em um clima emocional salutar, possa sentir-se seguro. A relação que a criança tem com uma mãe ausente ou por demais castradora não lhe possibilitará o amadurecimento emocional esperado. Se a relação entre ambos se vê frustrada e constantemente reiterado este recalque, a tendência é que o sujeito vincule de maneira inconsciente o conceito de amor à ideia de rechaço a partir de então.

Para Winnicott (1994b) e Bowlby (1989), a inexistência de um ambiente familiar salutar e marcado essencialmente pela ausência de relações calorosas, gera no bebê e, posteriormente na criança, um forte sentimento de desamparo e angústia pela privação vivenciada. Esta lacuna tende a gerar-lhe marcas em sua personalidade que repercutirão de modo muito negativo no decurso de toda a sua vida, tais como: insegurança afetiva, angústia da carência e necessidade extrema de sentir-se amado. Se o apoio do ego da mãe não existe, é fraco ou

intermitente, a criança não consegue desenvolver-se numa trilha pessoal; o desenvolvimento passa “[...] a estar mais relacionado com uma sucessão de reações a colapsos ambientais que com as urgências internas e fatores genéticos. [...] se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se ou permanece oculto por trás de um falso *self* [...]” (WINNICOTT, 1997, p. 24).

Winnicott (1994, 1997) pontua, ao longo de seu arcabouço teórico, a importância do ser (que se encontra nos estágios iniciais da vida) estar inserido em uma família que lhe supra necessidades fisiológicas e afetivas e em um ambiente salutar e facilitador de descobertas e vivências, proporcionando a este ser um processo de amadurecimento emocional satisfatório. No instante em que existem falhas neste processo, as marcas deixadas são muito profundas e vão desde a imaturidade emocional e insegurança afetiva até mesmo o desencadear de processos psicopatológicos.

A partir desta obra de O’Brien em particular, composta de nove contos, extraímos uma amostra de três, que cremos ser suficientes para demonstrar modelos da *mulher sacrificada* neles presentes. Passemos, então, à análise das personagens que a refletem.

2. A Mulher Sacrificada em “A Scandalous Woman”

Ambientado na Irlanda rural dos anos 30 ou 40, este conto, focado primordialmente no realismo doméstico, conta a estória de uma mulher que em um dado momento de sua vida recorda fatos ocorridos em sua adolescência, assim como a grande amiga que tinha naqueles idos, Eily Hogan. A princípio, havia por parte da narradora para com Eily uma nota de admiração por ser esta uma menina encantadora e que fazia uma grande diferença na vida medíocre que aquela levava. Eily é-nos apresentada como uma jovem espirituosa, que passa a viver um romance clandestino com um rapaz recém-chegado ao vilarejo, o novo empregado do banco. Chamava-se Jack, mas as garotas o alcunhavam secretamente de Romeo, em uma possível alusão à famigerada personagem shakespeariana.

Os encontros clandestinos entre os jovens resultaram em gravidez para Eily, que não pôde contar com o apoio de sua família. Ao contrário: foi enclausurada em um quarto pequeno da casa, agredida fisicamente por seu pai, torturada com as perguntas insistentes de seus familiares e vizinhos e impedida de sair, salvo se fosse para ir à missa. Como se não bastasse o não haver sido contemplada pelos seus, Eily teve que casar-se com Jack, que já tinha uma namorada no vilarejo vizinho e com quem estava a ponto de noivar, diga-se de passagem. Ele era protestante; Eily e sua família, católicos, mas o que imperou mesmo foi a vontade de um pai machista na tentativa

desesperada de recuperar a honra da filha.

Anos depois, com um casamento falido, três filhos e a certeza de que seu marido seguia mantendo relações extraconjugais com as colegas de trabalho, Eily tem um colapso nervoso e é internada em uma instituição mental. Após a alta médica, notamo-la bem fisicamente, mas que algo claramente se havia quebrado em seu âmago; o que vemos é o produto de um longo processo de mutilação anímica, apenas um espectro do que Eily havia sido um dia.

Esta estória termina com a conclusão de que a Irlanda é “a land of strange, sacrificial women”. Primeiramente, a partir da descrição de Eily feita pela narradora, a figuramos com ares de santa: “Hers was the face of Madonna. She had brown hair and eyes big and soft and as transparent as ripe gooseberries” (O’BRIEN, 1974, p. 09). Com tais características, a imaginamos como uma pessoa intocada pelo pecado e sua reação à desgraça que lhe sobreveio vem a comprovar que ela se sentia católica demais. Para ser uma garota vivaz, um comportamento tão apático e resignado nos leva a crer que Eily, como uma boa cristã, aprendeu cedo a sofrer sem esboçar revolta.

Desde o princípio fica patente que Jack não a ama, que somente queria conhecê-la mais intimamente – e ela sabia disso. Por esta mesma razão, toma para si a culpa do infortúnio que a vitimou e não revela nunca a ninguém o nome de sua cúmplice – a narradora da estória. Aceita casar-se com um homem que não a quer, que nunca a respeitou e que arruinaria sua vida para sempre. Tudo o que o destino e seu pai lhe impuseram foi aceito por Eily sem questionamentos. No entanto, o início de sua nova vida foi o que lhe custou verdadeiramente: deixar para trás a inocência, a família, os amigos e a cidade natal em busca da tão sonhada felicidade. Tal renúncia somente lhe trouxe ainda mais infelicidade e sentimento de incompletude.

Curiosamente, após a alta recebida do hospital psiquiátrico, Eily já não se recordava da jovem feliz que fora um dia – não se sabe se por um mecanismo de autodefesa ou devido às drogas pesadas que lhe injetaram ali e que apagaram de sua mente suas mais queridas lembranças do passado. Aparte de toda a terapia psicofármaca utilizada durante sua internação, um forte mecanismo egóico de repressão foi instalado inconscientemente por Eily. Em outras palavras: a repressão faz com que o processo egóico impeça que pensamentos ansiogênicos e dolorosos, que estão na origem dos sintomas, cheguem à consciência, aprisionando no inconsciente lembranças, vivências e pensamentos que, vindo à tona, causam sofrimento psíquico.

A mudança que vemos no espírito de nossa protagonista é brutal. A desilusão amorosa foi capaz de transformar completamente uma moça visivelmente feliz em outra completamente destruída em sua autoestima. O fato de seguir os preceitos religiosos que lhe foram inculcados desde a mais tenra idade, de ser obediente, de aceitar a punição por seus erros, de calar-se frente a quem grita mais alto, provocou-lhe uma torção espiritual profunda, um perceber-se a si mesma

como pequena, impotente e incapaz. Tal visão de si própria acabou por fazê-la concluir que seu sacrifício havia sido completamente em vão, que a *mulher sacrificada* que lhe rendeu fama de virtuosa, depois da mancha que lhe embotou a honra, não foi capaz de evitar que o que de mais genuíno e puro ela tinha, e que lhe caracterizou outrora, fosse visceralmente destruído.

De acordo com Huffman (2001), o comportamento virtuoso é fortemente marcado pelo mecanismo (egóico de defesa) repressivo, que visa fazer desaparecer da consciência qualquer menção a uma representação dolorosa ainda que inconsciente e que envolva muito desgaste de energia psíquica. Por sua vez, é a base de formação de um sintoma (produto do conflito psíquico entre o desejo e um mecanismo de defesa). Tal repressão é motivada por um complexo mecanismo psíquico de censura (o superego), que nos coloca a consciência moral diante de um modelo ideal de ego que se quer alcançar e de culpa opressora diante de fatos que desafiem este ideal a ser atingido. O superego é a última instância da psique a ser desenvolvida, originário do ego, que tem a função de tornar-se um censor moral e buscar uma perfeição inalcançável:

O superego é um conjunto de padrões éticos ou regras de comportamento. Ele tem duas partes: a consciência e o ego ideal. A consciência é um grupo de proibições sociais, semelhante a um código penal ou a estatutos legais. Ela lista as coisas que não devemos fazer. O ego ideal é um conjunto de coisas que devemos fazer para nos sentir orgulhosos de nós mesmos. O superego deve ser considerado como operando sob o princípio da moralidade, uma vez que violar as regras, seja da consciência, seja do ego ideal, resulta em sentimentos de culpa (HUFFAMN 2001, p. 505).

Regida por um forte mecanismo interno de censura, Eily assume a condição de sofredora, como uma forma inconsciente de se punir pelo desgosto provocado em sua família com sua gravidez precoce. Esse sentimento é gerador de baixa autoestima, no instante em que a personagem acreditou ser merecedora de toda espécie de maus-tratos físicos e emocionais, digna de punição, como forma de aplacar seu superego. Conforme Nasio (1993, p. 135): “A culpa é uma doença imaginária do ego que reclama o remédio imaginário da autopunição infligida pelo superego”. Diante disso, é compreensível a aceitação pela personagem de tamanha violência psicológica e de desamor explícito.

3. A Mulher Sacrificada em “The Sisters”

Esta é uma estória focada na difícil relação entre irmãos. Bettelheim (1994) defende que a competição entre irmãos é, até certa instância, considerada normal, uma vez que os irmãos nos situam na realidade em que vivemos, internalizando em nós sentimentos de hierarquia, imposição de limites, partilha e competição: “[...] los problemas más acuciantes del desarrollo del niño: la lucha contra los conflictos edípicos, la búsqueda de la identidad y la rivalidad fraterna”

(BETTELHEIM, 1994, p. 223).

Conforme Winnicott (1997, p. 59): “Não haveria nada de novo em afirmar que a família é um dado essencial de nossa civilização”. A presença da família enquanto ativo suporte emocional e material possibilita ao ser tornar-se sujeito, enquanto singular e pleno de inteireza. Neste conto, as irmãs em questão são três: Peg, Helen e Creena e o único irmão destas chama-se Teddy. A predileção dos genitores por um filho em detrimento dos demais é um fator que *per se* afeta a dinâmica familiar de modo muito negativo. Albornoz e Nunes (2004) apontam para a existência de interferências na homeostase e comprometimento no desenvolvimento emocional provocados pela ocorrência de eventos traumáticos como privações psicológicas, negligência de cuidados ou mesmo violência (moral, física e sexual) que podem trazer sequelas profundas para o sujeito e impactar na constituição do seu modo de subjetivação (sentimento de pertença, autoestima, identidade e posicionamento diante do mundo).

Peg, a primogênita, tem um profundo rancor e inveja para com sua irmã do meio, Helen, a favorita de seus pais, e uma relação sádica com sua irmã mais nova, Creena. Helen é extremamente egoísta e manipuladora; é também a única dos irmãos que trabalha, assim que seus pais lhe têm muita consideração. Creena é demasiadamente religiosa, chegando mesmo às raias do fanatismo. Teddy não tem muita relevância para a trama; é apenas um menino influenciado por Helen, que despreza e maltrata suas outras duas irmãs e o próprio título, que o exclui (“The Sisters”), reforça esta desimportância do elemento masculino, tão comum na obra de O’Brien. A relação polarizada do conto está estampada nesta citação: “Peg and Creena were friends and allies, at loggerheads with Helen and Teddy” (O’BRIEN, 1974, p. 119). Estavam Helen e Teddy de um lado e Peg e Creena de outro.

As *mulheres sacrificadas* deste conto são Peg e Creena, mormente esta última. Peg, como a primogênita que era, poderia exigir respeito por parte de seus irmãos mais novos, mas antes prefere calar-se à injustiça que lhe cometem e odiar Helen secretamente além de manipular Creena. Traçando um breve perfil psicológico das irmãs, observamos que o comportamento de Peg é derivado de um ambiente familiar onde existe patentemente a exclusão afetiva de membros neste núcleo primário e que é gerador de sentimentos diversos como a frustração. O desejo de Peg tem relação direta com o reconhecimento de sua condição de filha mais velha, de ter suas demandas escutadas e atendidas, e não simplesmente negadas. A criança é uma produtora de cultura singular e agente de construção de sua subjetividade a partir do núcleo familiar, social e de suas próprias vivências. O discurso da criança merece ser ouvido enquanto discurso válido, uma vez que a criança é capaz de interpretar a realidade por ela percebida e verbalizar sobre si mesma melhor do que qualquer discurso adulto sobre ela: “[...] a criança, de um modo geral, fala, é capaz de descrever

experiências anteriores e produzir narrativas sobre suas vivências” (SOLON, 2008, pp. 41-42).

Essa condição de ser aceita em seu discurso gera na criança e, posteriormente, no sujeito que passará pelas próximas etapas do desenvolvimento, um sentimento de potência, autoestima e plenitude. Do contrário, sentimentos deletérios como inveja, vingança, raiva, manipulação ou mesmo comportamentos auto-agressivos e auto-depreciativos se farão constituintes do sujeito em devir. A não importância e não valorização do discurso da criança e a interpretação do adulto sobre questões infantis representa para Rocha (2002) um ato de violência, onde há a negação sutil ou patente da autonomia infantil.

Com relação a Helen, esta personagem tem um comportamento marcado pela manipulação, falta de sentimento afetivo por terceiros e intolerância à frustração (que revida impiedosamente). As frustrações são estruturantes da vida psíquica, fazendo com que o sujeito, ao lidar com limites, torne-se apto à vida em sociedade. A família, segundo Winnicott (1994), tem fundamental importância no estabelecimento de regras, em especial a figura materna, que coloca para o bebê pequenas doses de frustrações necessárias o bastante para fazê-lo sair de sua zona de conforto e rumar em busca de uma maior autonomia. Esta mãe que supre demandas e que também gera a dor necessária é o que o teórico vai chamar de mãe suficientemente boa - falível por natureza, mas essencialmente promotora de crescimento. No instante em que há alguma falha no estabelecimento de limites parentais devido à negligência ou à superproteção, o sujeito tenderá a reagir agressivamente por imaturidade emocional a qualquer frustração que lhe ocorra.

Quanto à irmã mais nova, esta assume uma passividade permissiva a toda sorte de maus-tratos por parte de seus irmãos mais velhos. Creena, que também poderia esboçar alguma reação contra os abusos que lhe vitimam, prefere relegá-los, sublimando-os a um plano mais espiritual. Sua subserviência chega a tal ponto que, em uma dada Sexta-Feira Santa, é violentada sexualmente pelo dono da quitanda onde seu pai é devedor e, ameaçada por seu violador, prefere calar sua dor e vergonha e dedicar seu sacrifício à sua família. Gabel (1997) aponta que a violência sexual é um sofrimento vivenciado pela vítima de modo extremamente impactante, que encontra amparo no silêncio motivado pelo medo das ameaças do agressor e medo da ruptura familiar, vergonha e culpa.

O ganho secundário da aceitação de tamanha violência vem da certeza de ser vítima do destino, a eterna incompletude que a move em um movimento dolorosamente histericizante e inconsciente de clamor não verbal por aceitação social, acreditando que só assim será amada pelo reconhecimento de ser sofredora. Tal como Jesus Cristo, em um dia tão grandioso para o Catolicismo, a virtuosa Creena, mansa como um cordeiro, sente-se imolada em prol do bem alheio. De acordo com Huffman (2001), a pulsão agressiva não externalizada para o meio ou diretamente

para quem lhe provocou sofrimento, acaba voltando para a jovem através da autopunição e da auto-privação marcada pela passividade. A religião passa a ser a estratégia por ela encontrada para sublimar toda a descarga agressiva que é dolorosa o bastante para emergir dos porões incontroláveis do inconsciente e por isso precisa ser recalçada.

No que tange aos abusos de Helen para com suas irmãs, seu ponto álgido é atingido quando, na ausência dos pais, que estão fora uma semana, em uma exposição equina anual, usa o dinheiro deixado para a compra de comida para comprar-se um relógio novo e dar festas em casa a fim de bajular seus amigos abastados. Tanto ela como Teddy passam a comer em casa de amigos, mas as duas outras meninas começam a passar fome *ipsis litteris*, sem que ninguém se preocupe por elas.

Quando os pais retornam, os filhos dão-se conta de que o pai está paraplégico devido a um acidente sofrido na viagem. Fingindo uma pena que estava longe de sentir, Helen vende seu relógio novo, comprado com um dinheiro que não era seu, para ajudar nas despesas de casa. Este ato toca fundo no coração de sua mãe, que resolve dar-lhe seu tesouro: dois anéis. O problema estava em que não se encontravam em parte alguma, pois haviam sido trocados anteriormente por Peg e Creena para comprar-se comida. Esta foi sua vingança silenciosa.

Segundo Bowlby (1989), quando a criança não é plenamente suprida emocionalmente nos seus momentos de maior dependência e vulnerabilidade, tende a manifestar essa necessidade de carinho e aceitação através de comportamentos socialmente não desejáveis como a manifestação de sentimentos de raiva, comportamentos manipuladores e desejos de vingança que, muito frequentemente, vêm permeados por tristezas e culpas resultantes do conflito interno (desejo de ser amado e a confrontação da realidade de desamor). A agressividade normalmente ocorre motivada pelo sentimento de não pertencimento e pela crença distorcida de que o sujeito não é digno de amor; conforme Winnicott (1990, 1994b, 1997), manifesta-se na expressão da rejeição parental vivenciada enquanto falha do suporte materno no momento de maior vulnerabilidade e, acima de tudo, no desejo de aceitação e atenção.

Negligência, favoritismo, ódio, subserviência, injustiça e indiferença são alguns dos sentimentos ressaltados neste conto e que acabam por transformar nossas heroínas em *mulheres sacrificadas*. Filhas de pais indiferentes, Peg e Creena sofrem os desmandos de seus irmãos e a negligência emocional de seus pais.

Desde o Neolítico a mulher acostumou-se a deixar-se proteger pelo homem, mas as duas figuras masculinas plasmadas neste conto são incapazes de fazê-lo. Teddy é como um brinquedo nas mãos de sua irmã maquiavélica (como um *Teddy Bear*, um “ursinho de pelúcia”). Não tem voz, não expressa ideias, somente as segue. Já o pai das crianças, além de ser incapaz de perceber a

rivalidade entre os filhos e de resolvê-la a contento, acaba ficando fisicamente comprometido. Ou seja: de todas as formas, este homem com quem as meninas esperavam poder contar como um baluarte era mais frágil que elas próprias e provou ser incapaz de livrá-las do rótulo de *mulheres sacrificadas*.

4. A Mulher Sacrificada em “Honeymoon”

Este conto trata de uma *mulher* tão *sacrificada* como as anteriormente analisadas. Elizabeth casa-se com um homem que já havia sido casado outras duas vezes com duas mulheres de diferentes nacionalidades. Para tanto, a fim de realizar seu sonho, nossa protagonista teve que esperar mais de seis meses até que ele pudesse finalizar os trâmites de seu último divórcio, submetendo-se à vontade dele de conviver maritalmente antes, expondo-se à vergonha de fazê-lo. Quando por fim se casam, o enlace dá-se em um dia de semana, em uma capela pequena, tendo por testemunhas desconhecidos que por ali estavam. Para coroar a frustração da noiva, tiveram que esperar outros meses mais para poderem viajar em lua de mel, já que ele não havia terminado de consertar seu velho carro esportivo.

A submissão cega de Elizabeth a este homem inequivocamente insensível evidencia-se em fatos meramente corriqueiros: “He was twice her age, and she obeyed him in everything, even in the type of shoes she was to wear – completely flat shoes which as it happened gave her a pain in her instep” (O’BRIEN, 1974, p. 96). Notamos que sua opinião não conta, que sua participação na estória é muda e que sua importância para seu marido é nula. A submissão não é uma característica de personalidade que surja abruptamente na vida de alguém. Ela é de natureza dinâmica; a própria negação da consciência de plenitude e inteireza, de autonomia que, por sua vez, surge como um processo em que necessitamos de uma base familiar e um ambiente externo que nos seja salutar. Conforme Winnicott (1997), as questões ambientais quando ausentes ou deficientes, interferem diretamente de modo negativo no processo de amadurecimento emocional, tornando o sujeito imaturo, dependente e submisso ao ponto de, para ser aceito socialmente, negar a si mesmo. A negação poupa o sujeito de lidar com uma realidade que perturba a homeostase psíquica e lhe permite viver em uma realidade ilusória, mas egoicamente suportável.

Um exemplo da falta de consideração de seu marido para com ela deu-se logo a seguir, em sua viagem de lua de mel. Já no segundo dia, ele a abandona no meio do nada e sai para pescar, prescindindo, logicamente, da presença de sua nova esposa. Horas depois, apavorada, Elizabeth vê um homem aproximar-se, mas logo percebe que o rapaz não lhe quer fazer mal algum; convidando-a a conhecer sua casa e sua esposa, convite este que é prontamente aceito. Chegando à casa do

desconhecido, Elizabeth, estupefata, vê que o casal vivia em uma colina, coroada por duas casas idênticas e dispostas lado ao lado. Além do que, a esposa dele, Nora, parecia-se tanto com ele que seguramente se tratava de sua irmã – o que amalgamava os dois jovens em uma espécie de incesto edênico: dois irmãos puros, inocentes e livres no coração do bosque - Adão e Eva de outros tempos.

Horas depois, ao chegar o marido de Elizabeth e constatar que ela não se encontrava onde ele a havia deixado, tomado de fúria, a encontra conversando com o jovem casal e, sem se importar com a promessa que ela lhes havia feito de mostrar-lhes o carro de seu marido em detalhes, a força a partir com ele sem uma palavra de desculpa ou de adeus para com seus gentis anfitriões. Naquele momento, Elizabeth teve uma prévia ideia do homem com quem se casara e de como seria seu futuro ao lado deste homem a partir de então.

A relação já havia começado mal. O fato de um homem colecionar tantos casamentos *per se* já é um fato importante e que somente poderia ser negligenciado por uma pessoa apaixonada como Elizabeth. Machista, não pensou na fantasia de sua futura esposa, que se casava pela primeira vez: a boda foi adiada para que ele resolvesse as pendências de uma relação anterior e ocorreu sem convidados, sem festa, sem uma igreja apropriada e com testemunhas desconhecidas por ambos e meramente decorativas.

As vivências frustradas e não psiquicamente elaboradas, segundo Ceccarelli (2005), vão constituindo um abismo interno que leva o sujeito a vivenciar um profundo mal-estar inespecífico e não necessariamente patológico: o sofrimento psíquico. Este é um fenômeno universal, ontológico, que humaniza o sujeito diante da realidade de finitude e impotência, não limitando um sujeito ao sofrimento em detrimento de outro.

A partir da estrutura emocional de cada sujeito, uns podem redimensionar eventos traumáticos, racionalizando-os, aceitando-os e dando continuidade a sua trajetória apesar do ocorrido, enquanto que outros podem sucumbir à angústia, frustração, desespero, culpa e raiva. Alguns, por terem maior suporte emocional (sedimentado nos primeiros anos de vida), resignificam com mais rapidez e sem tantos impactos negativos; outros absorvem o sofrimento e este passa a ser constituinte do sujeito, por ser um grande gerador de ganhos secundários como o desejo primário de reconhecimento, acolhida e afeto.

A maior representação do sofrimento psíquico é a tristeza, seguida da angústia. A tristeza é um sintoma que, conforme Torralba (2007), representa a grande dor da alma que vai gradativamente se manifestando através de comportamentos específicos como isolamento, apatia, intolerância a frustrações e choro fácil - mas que precisa de um processo de internalização e imaginação para que passe a impactar na vida do sujeito e o impossibilite, total ou parcialmente, de vivenciar o prazer e o sentido de viver, levando-o a um estado de apatia, embotamento afetivo e

indiferença ao meio.

A submissão gera no sujeito todo um movimento a fim de internalizar a energia agressiva ao invés de deslocá-la para o desencadeador (sujeito ou fenômeno) de tal sentimento e reforça crenças distorcidas produzidas no decurso da vida, de sentimentos de não pertencimento e não merecimento. Segundo Fadiman e Frager (1994, p. 202), esta ferida narcísica no sentimento de potência, motivado por uma pulsão de morte (que impede o escoamento de tensões do sujeito pela geração de repetições sintomáticas, impedindo-o de organizar-se internamente e encontrar prazer e sentido na vida), faz com que gradativamente exista uma impossibilidade inconsciente de elaboração dos elementos dolorosos que são manifestados conscientemente por meio de repetição de condutas e pensamentos. A submissão é percebida em muito pela tristeza e pela incapacidade de mudar a realidade dolorosa.

A pergunta que nos fazemos é: por que Elizabeth se permite ser humilhada desta maneira? Embora o sofrimento psíquico possa estar presente na vida do sujeito, apenas a percepção da existência do mesmo e sua vulnerabilidade é que fará, conforme Torralba (2007), com que o mal-estar possa de fato existir. Assim sendo, vemos pessoas em condições emocionalmente precárias e que não se dão conta da real intensidade e realidade de suas relações fracassadas e potencialmente destrutivas. Por que insistir em uma relação que já dá sinais de fracasso nada mais haver começado? Provavelmente porque Elizabeth é uma mulher virtuosa e isso, de uma forma ou de outra, requer que ela assuma seu papel de *mulher sacrificada*.

Fomos ensinadas a esperar por um homem que nos livre da condição de celibatárias, que nos ofereça a estabilidade de um casamento feliz, nos engendre filhos saudáveis, nos provenha uma vida confortável e bens materiais... Para muitas de nós não nos importa o fato de sermos mal tratadas física nem psicologicamente contanto que estejamos casadas e desempenhemos os papéis que a sociedade espera de nós: a de sermos uma esposa dedicada, uma mãe amorosa e uma dona de casa exemplar, além de bem cumprir com nossa rotina profissional. Nunca protagonistas de nossas próprias histórias; sempre dependentes dos homens. Os desapontamentos ocasionados pela convivência e que fazem de nós *mulheres sacrificadas* fazem parte do processo e são até esperados e amplamente tolerados.

É impressionante que com tantas mudanças pelas quais nós mulheres vimos passando ao longo destes últimos cem anos, que com tudo o que vimos conquistando laboral, social e culturalmente ainda nos permitamos sofrer estes abusos. Na busca do amor e da felicidade, muitas de nós acabam por entregar seu poder pessoal a homens insensíveis, que não sabem o que fazer com tão precioso presente. A *mulher sacrificada* é encontrada em todas as esquinas do planeta porque, muitíssimas vezes, o amor e o desapontamento andam lado a lado, quando não de mãos dadas.

5. Um Olhar mais Profundo sobre os três Contos Analisados

A Irlanda é conhecida por haver sido o último reduto dos celtas. A mulher celta, diferentemente de suas contemporâneas em outros povos, é conhecida e reconhecida por ser considerada especial frente ao homem. Impacta-nos o fato de séculos depois virmos distorcida esta percepção. Neste contexto, a Igreja tem sua grande parcela de contribuição. A Irlanda foi cristianizada a partir do século V e o Cristianismo tem feito um esforço sobre humano para fazer calar o discurso feminino nos últimos vinte séculos. A cristianização dos costumes regida pela lógica judaico-cristã de pecado e culpa em todo movimento naturalmente humano como a vivência da sexualidade e da auto-expressividade, coloca no inconsciente coletivo, conforme Foucault (1999), um sentimento profundo de rechaço e de censura a tudo o que ousar desafiar o conceito hegemônico de pureza e santidade conquistada com a própria negação dos modos de subjetivação.

Não podemos negar que seus objetivos têm sido plenamente atingidos, mas tampouco podemos negar que tenha sido uma tarefa das mais fáceis. Ao longo da História, mulheres extraordinárias têm-se livrado da couraça do silêncio verbalizando sua subjetividade através de atos e palavras certas nos momentos exatos. Podemos chamá-las de Virgens que, segundo Markale (2001) e Fenster et al. (1996), são as mulheres independentes emocional e economicamente dos homens e que desfrutam amplamente de sua vida sexual.

O'Brien costuma focalizar sua atenção no mundo interior da mulher, assim como na infância, de acordo com Cahalan (1995). No mais das vezes, suas personagens são encontradas na Irlanda rural “a land of strange, sacrificial women”, como ocorre com todas as personagens femininas dos contos que analisamos neste trabalho. O mundo exterior, assim como a figura do homem em si não lhe interessam especialmente. A bem da verdade, o papel do homem nestes contos só tem uma função: fazer da mulher uma *mulher sacrificada*.

No primeiro conto, “A Scandalous Woman”, Jack é o sedutor cruel que, não podendo abandonar sua vítima, torna sua vida miserável; no segundo, “The Sisters”, Teddy é uma personagem decorativa e comandada por outrem e o pai não passa de uma pessoa incapaz de corresponder à expectativa de suas filhas; no terceiro e último conto aqui analisado, “Honeymoon”, o marido de Elizabeth sequer tem um nome. Trata-se de uma personagem tipicamente sexista, egoísta, insensível, indiferente e despótica.

Tanto Eily quanto Elizabeth creem no casamento, na felicidade que ele pode trazer e ainda que totalmente conscientes de que suas escolhas não foram as melhores, investem sonho e energia em relações fracassadas. Como boas cristãs, têm muito clara a ideia de que o sacrifício é

necessário para que duas pessoas possam encontrar a felicidade juntas, e principalmente, de que este sacrifício seja da mulher. Peg e Creena representam o oposto da mulher escandalosa encarnada por Eily, que engravida de um desconhecido, e por Elizabeth, que vive maritalmente com seu marido antes do casamento, em uma Irlanda rural, impermeável à quebra de tradições impostas por 1500 anos de hegemonia cristã.

Em rápidas pinceladas, todas as personagens femininas aqui analisadas têm um denominador comum: sua infelicidade se deve a seus problemas de relacionamento com os homens. Todas, sem exceção, tiveram relações frustradas e falidas com o elemento masculino. Todas são exemplos de *mulheres sacrificadas*.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, podemos resumir os sentimentos destas mulheres para com os homens que cruzaram seus caminhos em duas únicas palavras: amargura e decepção. Infelizmente há milhões de Eilies, Pegs, Creenas e Elizabeths entre nós e nós sabemos quem são, onde estão e como vivem; muitas vezes, as mais esclarecidas de nós ainda se comportam como nossas heroínas aqui tratadas. Quando vamos começar a viver e atuar como Mulheres que somos e rechaçar definitivamente a tatuagem social de *mulheres sacrificadas* que ainda teimam em nos imprimir na alma? Esta é uma pergunta que merece uma reflexão mais profunda e uma tomada de ação mais imediata. Em futuros trabalhos esperamos estar caminhando rumo ao entendimento mais concreto desta dialética.

BIBLIOGRAFIA

- ALBORNOZ, Ana Celina Garcia; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. A dor e a constituição psíquica. *Psico/USF*, v. 09, n. 10, 2004, pp. 211-218.
- BETTELHEIM, Bruno. *Psicoanálisis de los cuentos de hadas*. Barcelona, Drakontos Crítica, 1994.
- BOWLBY, John. *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- CAHALAN, James M. Female and male perspectives on growing up Irish in Edna O'Brien, John McGahern and Brian Moore. *Colby Quarterly*, v. 31, n. 01, 1995, pp. 55-73.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Rev. Psicol. Est.*, v.10, n. 03, set. /dez., 2005, pp. 471-477.
- FADIMAN, James; FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. Porto Alegre, Marbra, 1994.
- FENSTER, Telma S. et al. *Arthurian women*. New York, Routledge, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *A História da sexualidade*. 13ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1999.
- GABEL, Marceline. *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo, Summus, 1997.

- HUFFMAN, Karen et al. *Psicologia*. São Paulo, Ed. Atlas S.A., 2001.
- MARKALE, Jean. *La mujer celta: mito y sociología*. Barcelona, MRA, 2005.
- O'BRIEN, Edna. *A Scandalous Woman and Other Short Stories*, London, Penguin Books Ltd., 1974.
- PRIORE, Mary Del. *História das crianças no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2000.
- RAMBLADO-MINERO, Maria Cinta e PÉREZ-VIDES, Maria Auxiliadora. Scandalous women: the representation of unmarried motherhood in short stories by Lavin, Edna O'Brien and Éilís Ní Dhuibhne. *Unmarried Mothers in Twentieth-Century Ireland: Cultural Reflections*, Edwin Mellen Press, 2006, pp. 230-244.
- ROCHA, Eloisa Alcires Candal. Crianças e infâncias: uma categoria social em debate. *Anais do III Congresso de Arte-Educação*, Blumenau, 2002.
- SOLON, Lilian de Almeida Guimarães. *Conversando com crianças sobre adoção*. São Paulo, Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 2008.
- SPITZ, René. A. *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- TORRALBA, F. Aproximación a la esencia del sufrimiento. *Anales Sis San Navarra*, v. 30, supl. 03, 2007, pp. 23-37.
- WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1997.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. 3ª ed, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- _____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1994.